# Entre o discreto e o contínuo - 19/03/2017

Todos nós somos capazes de conceber uma reta como uma sequencia infinita de  
pontos. Isso porque a reta deve ter uma composição e, devido a sua infinidade,  
não conseguimos representa-la como uma coisa única. Já para um triângulo,  
basta destacarmos três pontos ligados por três retas finitas que terminam onde  
se cruzam, não importando a composição delas. Mas, a essência da reta é a sua  
fluidez ou a justaposição dos pontos que, de tão justapostos, se tornam  
infinitesimais a ponto de desaparecerem?  
  
Pensando a reta como uma fluidez infinita abstrai-se de questões pontuais e  
chega-se a uma síntese, abrindo-se para outras questões que possam ser mais  
relevantes. Pensando-a como uma sequencia de pontos, teremos que entrar no  
mérito da representatividade do ponto, de quando um ponto termina e começa  
outro, se há algo entre um ponto e outro (já que são coisas diferentes) e  
assim por diante. Tal análise seria dispendiosa e, talvez, inconclusiva.  
Portanto, há uma reta composta de infinitos pontos e isso é suficiente para  
que ela seja uma reta e para que possamos representar parte dela no papel de  
acordo com nossa necessidade.  
  
Agora, suponhamos que essa reta seja o tempo. Nós pensamos o tempo como uma  
síntese única, eterna e admitida ou como uma sequencia de momentos? O relógio  
marca uma sequencia de momentos, baseado em segundos, milissegundos, etc., só  
funciona assim: contando. Já a nossa imaginação é capaz de projetar o tempo  
para frente e para traz, como lhe aprouver, sem se preocupar com cada momento.  
Entretanto, parece que estamos sempre em um momento e não soltos no tempo: eu,  
aqui, agora; eu, aqui, agora. Somos três: eu (como pessoa, alma, consciência,  
carne, ossos, não importa...), aqui (nesse local, no espaço) e agora (nesse  
momento, no tempo). Ora, nessa sequencia linear eu mudo permanecendo e  
permaneço mudando. Permaneço, mudo, mudo, permaneço, permaneço, mudo, mudo,  
permaneço.  
  
O tempo é essa reta que me mede e me faz historicamente e socialmente passado,  
presente e futuro. No tempo, eu sou uma síntese, embora não importe aqui como  
isso ocorre, como um eu-aqui-agora se ligue a outro eu-aqui-agora. Foca-se no  
contínuo em detrimento do discreto, admite-o sem uma investigação minuciosa.  
Essa limpeza de terreno é importante para uma maneira sob a qual queremos  
pensar, ela tem uma finalidade. Não importam os pontos e os intervalos,  
importa a reta. Não importam os momentos, como permaneço ou mudo, importa eu.  
A partir da reta admitida podem-se construir triângulos, quadrados e outras  
figuras geométricas que também vão sendo sustentáculos para novas composições  
complexas. A partir de um eu não inteligivelmente detalhado quanto a sua  
composição pode-se ir em direção a algo menos metafísico, a uma práxis. Pode-  
se chegar a um eu com um outro.  
  
Mas essa é só uma maneira de pensar que pretendemos seguir para se atingir uma  
finalidade. Do mesmo modo, poderíamos retroceder para o caminho inverso.  
Sintetizando-se, as discussões se simplificam e aparece uma visão mais ampla.  
Isso não significa que cada eu-aqui-agora perdeu sua importância ou foi  
negligenciado, significa apenas que é uma maneira de pensar que tem uma  
finalidade e que, a partir dessa premissa, voluntariamente se esquiva da  
análise em prol de uma construção maior. Floresce, então, uma nova  
perspectiva, não relapsa, mas orientada. Estabelece-se de antemão, de onde se  
parte e vai se procurando aonde chegar a partir dessa nova orientação. Colhem-  
se os resultados analisando-os desse novo ponto de vista para se computar  
perdas e ganhos. Verifica-se se a continuidade fluida se desvencilha de  
solavancos discretos e se a essência se mantém, nessa nova perspectiva.  
Porque, por mais que haja uma nova finalidade é a essência que deve  
prevalecer.